

# DIPLOMACIA CULTURAL – E SUA INFLUÊNCIA NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA

Barbara Hilario, Gabrielle Batista, Igor Koshiba, Rafael Ferreira, Sabrina Braz<sup>1</sup>

**Resumo:** A diplomacia cultural é um tipo de diplomacia pública que consiste na troca de conhecimento, linguagem, música e outros aspectos culturais entre as nações e pessoas com o objetivo de um entendimento mútuo. A diplomacia cultural é aproveitada pelos Estados para promover a sua distinção, contribuindo com a expansão da diversidade do mundo e abrindo portas para a cooperação e diálogo. O objetivo central do trabalho é analisar a diplomacia cultural brasileira a partir do século XX e seu impacto político no sistema internacional. Inicialmente limitada ao campo literário, a diplomacia cultural brasileira consolidou-se durante o período entre guerras, tornando o país o pioneiro na América do Sul. Propõe-se, assim, examinar o quanto a diplomacia cultural influencia a política externa brasileira.

**Palavras-Chaves:** Diplomacia Cultural; Poder; Influência Cultural

**Abstract:** Cultural diplomacy is a type of public diplomacy that consists of exchanging knowledge, language, music and other cultural aspects between nations and people with the aim of mutual understanding. Cultural diplomacy is used by States to promote their distinction, contributing to the expansion of the world's diversity and opening doors for cooperation and dialogue. The central objective of the work is to analyze Brazilian cultural diplomacy from the 20th century as well as the political impact on the international system. Initially limited to the literary field, Brazilian cultural diplomacy was consolidated during the interwar period, making the country a pioneer in South America. It is therefore proposed to examine how much cultural diplomacy influences Brazilian foreign policy.

**Keywords:** Cultural Diplomacy; Power; Cultural Influency

## 1. INTRODUÇÃO

Durante a segunda metade do século XX, o sistema internacional foi marcado pelo cenário da Guerra Fria entre duas potências mundiais - Estados Unidos e Rússia. Com o fim da dualidade gerada no conflito, o mundo ficou marcado pelo aumento da soberania dos norte-americanos e pelo início de uma configuração multipolar. Nesse encadeamento de novas ordens mundiais e com o aumento da globalização, o sistema mundial tornou-se um ambiente completamente complexo e competitivo. Por outro lado, pequenas nações que antes não

---

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso Bacharelado de Relações Internacionais da Universidade São Judas Tadeu (USJT) da rede Ânima Educação. Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade São Judas Tadeu (USJT) da rede Ânima Educação. 2023. Orientador: Prof. Mauricio Homma, Doutorado.

possuíam “voz”, ganharam mais reconhecimento com a participação em organizações internacionais.

Diante deste novo horizonte, a teoria realista – que detém em seus argumentos que as relações internacionais são persuadidas pela balança de poder e pelos interesses individuais de cada Estado - é colocada de lado diante das novas discussões presentes no cenário internacional. Dada a ordem mundial desigual, muitos atores do sistema perceberam que juntos poderiam se articular de forma mais ampla. A cooperação internacional torna-se, portanto, necessária para avançar agendas até agora não discutidas como, por exemplo, a cultura.

No contexto global, a cultura desempenha um papel crucial nas relações internacionais, influenciando vários aspectos das interações entre países, além do seu uso nas políticas domésticas de um Estado. No campo político, manifesta-se como um instrumento de diplomacia, compreensão mútua e cooperação internacional, consequentemente, estabelecendo vínculos. Mostra-se, também, de extrema importância na criação da identidade de um Estado, uma vez que influencia a forma de como os países se enxergam e se posicionam no cenário internacional.

Sendo assim, através da experiência brasileira, este trabalho explorará de que maneira a diplomacia cultural tornou-se uma das estratégias de ocupação no espaço internacional e, até que ponto, ela pode moldar a política externa brasileira?

## **2. ORIGEM DA DIPLOMACIA CULTURAL BRASILEIRA**

Para Milton Cummings, a diplomacia cultural pode ser definida como “o intercâmbio de ideias, informação, arte e outros aspectos da cultura entre nações e seus povos para fomentar o entendimento mútuo” (CUMMINGS, 2003, p. 01, tradução nossa). Em outras palavras, a diplomacia cultural é um meio não coercitivo de aproximação entre os países. A diplomacia cultural representa neste contexto de poder pulverizado o mecanismo estatal com capacidade de criar um ambiente internacional de maior compreensão e confiança, no qual as relações governamentais e individuais possam operar (GIENOW-HECHT; DONFRIED, 2010, p. 13).

Partindo desta definição, durante muito tempo o Estado brasileiro sofreu com a falta de uma identidade em meio ao sistema internacional. Até os meados da década de 30, o Brasil foi

alvo de forte influência cultural dos países europeus e, também, dos Estados Unidos da América que buscava uma aproximação com o país sul-americano.

De fato, esse “gigante” latino-americano foi um alvo privilegiado das políticas culturais desenvolvidas pela França – por meio da ação do Serviço de Obras Francesas no Exterior, que participou especialmente da criação da Universidade de São Paulo em 1934 – e pelos Estados Unidos, a partir da Política da Boa Vizinhança, e depois no quadro da “guerra fria cultural” (DUMONT; FLÉCHET, 2014, p. 204).

No entanto, com o desdobramento da participação do Brasil no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (IICI) em 1925, foi dado o primeiro passo em prol do desenvolvimento da imagem brasileira no exterior.

A colaboração do país com o Instituto começou em 1925, com a criação de uma Comissão Brasileira de Cooperação Intelectual, que foi pouco a pouco sendo colocada sob a tutela do Itamaraty, e também com a nomeação de um delegado, Élysée Montarroyos, como intermediário entre esse organismo e o Ministério. Montarroyos, que esteve presente ao longo de toda a história do IICI (1924-1946), compreendeu rapidamente a oportunidade que representava sua missão junto ao Instituto e, principalmente, o papel da cultura nas relações internacionais (DUMONT; FLÉCHET, 2014, p. 205).

Sendo assim, foi fundado em 1934, o Serviço de Expansão Intelectual com o objetivo de utilizar a cultura como um elemento de reflexão capaz de formar opiniões e, desta forma, ser passível de uso no mundo político. O objetivo seria fazer “discretamente a propaganda dos valores literários do Brasil no estrangeiro, retirando-se, o mais que possível, o caráter ostensivo de ‘propaganda oficial’ aos trabalhos.”<sup>2</sup> (FCRB, 1934, p. 2). Ou seja, acreditava-se que o Brasil poderia obter grande prestígio moral deixando de ser somente um “apoio” às nações mais desenvolvidas, tornando-se um novo fôlego com contribuições inovadoras para o intelecto da humanidade.

Portanto, o desejo do país tupiniquim era mostrar seu desenvolvimento ascendente, sua indústria e seu poderio militar. Com isso, o Brasil foi um dos pioneiros na incorporação da diplomacia cultural na sua política externa. Desde então, entre progressos e atrasos, o Brasil consolidou sua importância ao mundo, estabilizando sua cultura e atraindo o interesse de outros Estados relevantes do sistema internacional.

---

<sup>2</sup> Documento enviado em 1º de março de 1934, p. 2. Arquivo Ribeiro Couto. FCRB

### 3. CULTURA

A cultura pode ser definida como um termo amplo e complexo que se refere ao conjunto de padrões de comportamento, crenças, valores, normas, conhecimentos, expressões artísticas e práticas sociais compartilhadas por um grupo específico de pessoas. Ela molda a forma como as pessoas veem o mundo, interagem entre si e compreendem a sua própria existência, sendo transmitida de geração em geração e expressada através de diversos meios, como linguagem, arte, religião, costumes e instituições sociais.

A cultura é dinâmica e está em constante evolução, sendo influenciada por fatores históricos, sociais, econômicos e ambientais com cada sociedade e/ou grupo cultural possuindo características únicas que contribuem para a diversidade cultural global. “Como já disse antes, as culturas humanas são dinâmicas. De fato, a principal vantagem de estudá-las é por contribuírem para o entendimento dos processos de transformação por que passam as sociedades contemporâneas” (SANTOS, 1983, p. 26).

A Declaração Universal sobre Diversidade Cultural de 2001 afirma: “Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza” (UNESCO, 2001). No entanto, essa definição de cultura é, até certo ponto, definida de forma superficial, com apenas o objetivo de ratificar o tema perante o sistema internacional.

É necessário observar, sobretudo, que a presença da cultura, atualmente, tem um valor mais simbólico do que propriamente “real”. Apesar dos direitos e liberdades culturais permanecerem na agenda global - sendo explicitamente consagrados no Artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas - essa constatação não elimina a sua complexidade e não facilita a sua aplicação no cotidiano do sistema internacional.

Segundo Santos (1983), “cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam” (SANTOS, 1983, p. 8). Seguindo esse conceito, a política no sistema internacional funciona da mesma maneira, de tal forma que o país hegemônico de cada época tende a ditar o padrão cultural que será imposto nas relações internacionais.

Quando nos aprofundamos na cultura e no comportamento de uma nação, é o tipo de discussão que leva a uma visão abrangente das estruturas em que vivemos e das várias armadilhas que nelas se escondem. As culturas apresentam muitas variações e podem servir a muitos propósitos, porque “todas as culturas são assim”.

Em suma, a cultura pode ser muito útil nas relações internacionais, uma vez que a realidade da humanidade é complexa, tanto nas características que unem como nas características que a distingue. Portanto, os costumes sociais devem ser considerados como uma parte importante para a compreensão dos fenômenos que vivenciamos hoje.

### 3.1 PODER ESTATAL E A IMPORTÂNCIA DO SOFT POWER

A análise de política externa adota a política doméstica como uma variável explicativa para o comportamento dos Estados no plano internacional. A política interna de um Estado pode afetar diretamente na sua política internacional, seja na forma como o país se relaciona com outros atores e ou na forma como eles são vistos pelos outros no campo internacional.

O Estado “em si” não tem poder, na verdade, ele usufrui de instrumentos como: poder militar, poder econômico, político e cultural. O poder é distinto do Estado, servindo de seus elementos e da sua organização como instrumento para realizar sobre ele suas atividades. "Quem tem o Poder é quem desenvolve sua política, podendo, em certas ocasiões, tornar ineficazes órgãos e instituições e criar outros organismos auxiliares para a execução de sua vontade" (NÚÑEZ, 1969, p. 6).

O Soft Power – política muito utilizada em prol da diplomacia cultural – teve a primeira definição feita por Joseph Nye, na década de 1980, quando definiu seu significado como: “capacidade de um país de persuadir outros a fazer o que ele quer sem força ou coerção” (NYE, 1990). Para o autor, diferente do Hard Power – geralmente remetido ao uso do poder bélico estatal como meio de coerção e dominância no sistema internacional – o Soft Power se baseia na disseminação da cultura para sua influência no cenário global.

Tal política está fundamentada na influência e na legitimidade conquistadas pelos países por meio do incentivo de ações e instrumentos que a cultura oferece para atrair e seduzir indivíduos de outras culturas. O Soft Power, também conhecido em português como ‘poder

brando”, pode moldar a política externa de um Estado ao influenciar a opinião pública global e a percepção das políticas do Estado em questões como direitos humanos, democracia, liberdade de expressão e valores culturais.

A política de poder brando é cada vez mais comum no âmbito internacional. Ações e programas nacionais que se utilizam da educação como um recurso de promoção no exterior são exemplos de diferentes recursos da diplomacia pública que se destinam a contribuir com a aproximação entre os países e com o desenvolvimento de vínculos de cooperação e confiança entre as nações.

### 3.2 IDENTIDADE E POLÍTICA EXTERNA

A análise da política externa de um Estado pode ser fundamentada através de suas políticas domésticas, como uma variável explicativa para o seu comportamento no plano internacional, na forma como o país se relaciona com outros atores e na forma como o país é enxergado no campo global. No entanto, para isso acontecer, é necessário que a imagem do Estado em si esteja definida, conforme explica Wendt (1999):

A identidade refere-se a quem ou o que os atores são e o interesse refere-se ao que os atores querem, designando motivações que explicam o comportamento. Interesses pressupõem identidades porque um ator não pode saber o que quer enquanto não souber quem é. Portanto, sem o interesse a identidade não tem força motivacional e sem a identidade, o interesse não tem direção (WENDT, 1999, p. 231, tradução nossa).

Uma vez consolidada a identidade cultural de um Estado, é possível analisar qual será o foco da sua política interna e, conseqüentemente, o campo de ação de sua política externa, definindo seus interesses e estabelecendo suas ações diplomáticas com os outros atores.

A política externa e a política interna sempre caminharam paralelamente, mesmo que com suas distinções e particularidades, ocorre que, com a globalização essa dinâmica se transformou em algo ainda mais complexo, pois com o passar dos anos, expandiu-se também a gama de atores e temas em pauta, e a opinião pública, ao mesmo tempo, passou também a depender de fatores fora do alcance direto dos governantes (LAFER, 2001, p. 18).

No caso do Brasil, podemos afirmar que uma das suas identidades culturais é ser conhecido como “país do futebol”, devido à sua popularização ao redor do mundo através de grandes jogadores futebolísticos como Pelé, Ronaldo Fenômeno e Neymar Jr. Neste caso, essa proximidade com o futebol nunca foi limitada somente ao esporte, e sim, ligada a identidade do Brasil como Estado, inclusive, utilizada como forma de política externa e definição da identidade nacional, conforme explica Rosenfeld (1993):

Ao assumir a presidência da República após um processo revolucionário, em 1930, Getúlio Vargas apresentou o que intitulou Programa de Reconstrução Nacional. Entre os objetivos de tal projeto, estavam o uso do futebol e a promoção do samba e da capoeira como elementos para uma nova definição de identidade nacional (ROSENFELD, 1993).

Segundo Eric Hobsbawn (2004), durante o período entreguerras, o esporte foi utilizado como uma válvula de escape para as tensões grupais, com o time de cada país representando seu próprio Estado, despertando assim, um sentimento de nacionalismo. Com a posterior consolidação da seleção brasileira campeã da Copa do Mundo, o futebol passou a ser uma forma de atribuir a imagem do Brasil no exterior.

“Em 1914, o embaixador Argentino, Júlio Rocca, envia ao governo brasileiro uma proposta para a criação de uma competição futebolística com o objetivo de estabelecer um motivo de relações amistosas e propósitos comuns entre os dois países” (AGOSTINO, 2006, p. 61). Mesmo antes da década de 30, o governo brasileiro já enxergava o potencial que o futebol, como esporte, tinha de estabelecer uma confraternização com as nações vizinhas e uma busca maior de entendimento entre si.

Segundo um estudo feito pela consultoria Brand Finance - que realiza um ranking anual dos países que melhor utilizam-se do poder brando - o Brasil foi classificado como o melhor país do mundo no segmento esporte. Portanto, em virtude dos fatos mencionados, podemos concluir que a identidade do Estado brasileiro é fortemente atribuída ao esporte, sendo o futebol o mais popular.

#### 4. CAMPO DE AÇÃO DA DIPLOMACIA CULTURAL

É inegável que a cultura exerça um papel, seja diretamente ou indiretamente, nas relações diplomáticas do Estado. Tais aproximações contribuem para a abertura entre os povos, superando barreiras convencionais, promovendo temas que, a princípio, seriam problemas nacionais em preocupações internacionais, como, por exemplo, a poluição do meio ambiente.

Atualmente, a cultura brasileira exerce uma influência significativa em várias outras culturas ao redor do mundo de diferentes maneiras, sendo uma das principais: a música. Famosa mundialmente - com estilos como o samba, a bossa nova e funk carioca, além de artistas como João Gilberto, Tom Jobim e Caetano Veloso – a música brasileira possui um impacto duradouro na música global que perdura até os dias de hoje. Anitta, a título de exemplo, venceu consecutivamente (2022 e 2023) o prêmio de Melhor Videoclipe Latino, do Video Music Awards (VMA).

A culinária brasileira também é rica e diversificada, com influências indígenas, africanas, europeias e asiáticas. Pratos como a feijoada, a coxinha e a caipirinha tornaram-se populares em muitos países, assim como as churrascarias brasileiras se estabeleceram em diversos países do globo como, por exemplo, a “Fogo de Chão” que atualmente está distribuída em 52 endereços, sendo oito deles no Brasil e os outros 44 nos Estados Unidos, Porto Rico, México e Oriente Médio.

Nesse contexto, sobre a diplomacia cultural e sua relação com a atuação diplomática, podemos afirmar que:

Assim, quase todos os países desenvolvidos (ainda que seus objetivos declarados sejam outros) tiram enorme partido da emergência do fator cultural, que procuram entrosar às diversas vertentes de suas atuações diplomáticas, sejam elas políticas, econômicas, comerciais ou de assistência técnica. Valendo-se dessas avenidas espontaneamente abertas pelos homens, multiplicam suas interligações culturais e, por meio delas, circulam ideias, impõem produtos e negociam alianças” (Ribeiro, 1989, p. 24).

Ou seja, o exercício da diplomacia cultural abrange diversas áreas, sejam elas: o intercâmbio de pessoas; promoção da arte e artistas, linguagem, esporte ou cooperações intelectuais.

Como exemplo dessa visão diplomática, podemos considerar a Missão de Paz do Brasil no Haiti em agosto de 2004. Nesta ocasião em especial, foi realizado um amistoso de futebol entre a seleção brasileira e a seleção haitiana com o objetivo de iniciar uma campanha do desarmamento e levar um pouco de alegria à população. Esse evento contribuiu para a imagem internacional do Brasil criando um sentimento de aproximação e carinho entre ambos os países.

Através destas ações, o intercâmbio de culturas favorece o entendimento e a aproximação de povos distintos, diminuindo o julgamento por estereótipos e reforçando o sentimento da universalidade do patrimônio cultural e artístico.

No entanto, os frutos deste trabalho podem não ser muitas das vezes perceptível ao curto e médio prazo, como afirma Edgard Telles Ribeiro:

Ao contrário de outros mecanismos que compõem o universo da política externa dos países – no campo da promoção comercial ou da cooperação técnica, por exemplo -, o trabalho na área cultural é de certa forma invisível, na medida em que só rende frutos em muito longo prazo. O que o relacionamento cultural permite é o estabelecimento de uma atmosfera favorável ao entendimento – uma abstração mais do que uma realidade concreta. (Ribeiro, 1989, p. 34).

Seguindo esse conceito, um ótimo exemplo de exercício da influência global através da sua cultura são os Estados Unidos. A consolidação da influência norte-americana não se fez da noite para o dia, muito pelo contrário, a imposição da cultura norte-americana remete ao século XX com a Europa sofrendo com os efeitos da Segunda Guerra Mundial. Nesta ocasião, o Estado norte-americano surge no sistema internacional como uma das potências do mundo bipolar, com o objetivo de ajudar na reconstrução de uma Europa defasada.

Nota-se que a influência estadunidense possui uma forte base através do cinema de Hollywood, com a expansão do modo de vida dos americanos, culminando na inserção de múltiplos elementos de seu cotidiano na rotina de diversos países ao redor do mundo.

O cinema produzido em Hollywood [...] mostrou ao mundo o *American way of life*. Os filmes produzidos ao longo de várias décadas divulgaram hábitos e comportamentos de um povo, o americano, que acabaram por ter uma profunda influência à escala mundial. Pessoas com culturas distintas adotaram padrões de vida que nada tinham a ver com os seus, acabando os hambúrgueres com ketchup e a Coca-Cola por fazer parte da alimentação de povos tão diferentes como os europeus, africanos, chineses e até mesmo japoneses” (MARQUES, 2005, p. 196).

O cinema de Hollywood tem tido, voluntária ou involuntariamente, ao longo dos tempos, uma posição política ao divulgar princípios, valores e instituições americanas que acabam por influenciar o comportamento dos espectadores nacionais e estrangeiros. O desenvolvimento de novas tecnologias tem permitido a reprodução do

mundo real de uma forma tão convincente, que quanto mais o filme se aproxima da realidade, mais a realidade procura aproximar-se do filme” (MARQUES, 2005, p. 199).

Na Europa, o Reino Unido e a Espanha são exemplos de países que creem no poder da diplomacia cultural. A Inglaterra identificou o enorme potencial do soft power no início da década de 30 e, em 1934, criou o instituto British Council. Essa instituição pública do Reino Unido tem o objetivo cultural de difundir o conhecimento da língua inglesa e sua cultura mediante a formação e outras atividades educativas, fortalecendo, desta forma, as suas relações diplomáticas com outras nações.

Apesar de ter começado os seus serviços no Brasil quase que ao mesmo tempo em que foi formado, o British Council só chegou oficialmente ao nosso país em 1945 após a parceria de sucesso entre Brasil e o Reino Unido na Segunda Guerra Mundial. No Estado brasileiro, a organização atua desde 1945. Atualmente, para atender no país, possui dois escritórios, sendo um na cidade do Rio de Janeiro e o outro em São Paulo, em parceria com diversas organizações locais, nacionais e internacionais, com foco nas artes, economia criativa, educação, Ensino Superior e Pesquisa, assim como sociedade civil.

A Espanha, por sua vez, desenvolveu sua diplomacia cultural ao ser inserida na União Europeia em 1986, com o intuito de criar uma imagem renovada para o país. Foram organizados inúmeros eventos como a abertura cultural (promovendo valores democráticos e direitos humanos, o que já estava alinhado com os princípios da União Europeia). A entrada na União Europeia também incentivou a Espanha a fortalecer suas instituições culturais, incluindo investimentos em educação, preservação do patrimônio cultural e apoio às artes, como parte do compromisso comum dos países membros da organização europeia.

Já do lado oriental do globo, a Coreia do Sul é conhecida pelo seu recente crescimento e pelos altos investimentos do seu governo na disseminação da sua cultura. De acordo com uma reportagem do The Korea Times (2020), no ano de 2020, o país pertencente aos “Tigres Asiáticos” investiu aproximadamente 1.69 trilhão de won (equivalente a R\$ 7,64 bilhões) para promover a criatividade local e impulsionar as vendas globais de conteúdo cultural coreano, contribuindo para o crescimento da tendência Hallyu<sup>3</sup> ou “Onda Coreana”.

Em 2021, tendo como exemplo, o presidente sul-coreano Moon Jae-in enviou o grupo musical BTS para participar da 76ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas em Nova

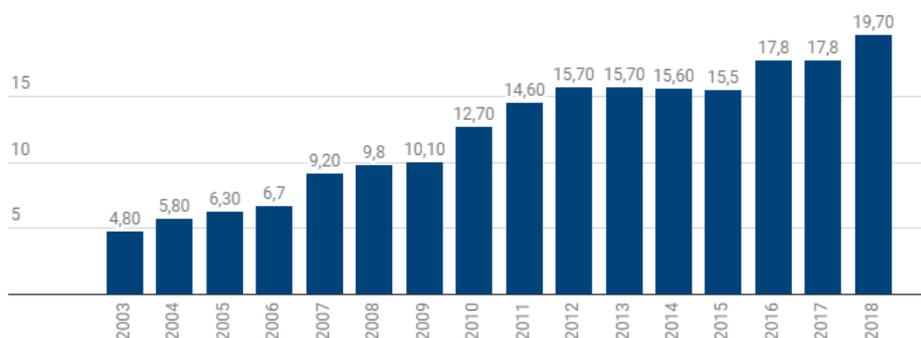
---

<sup>3</sup> Hallyu é uma tendência que propaga a cultura da Coreia do Sul pelo mundo.

York. De acordo com o governo da Coreia do Sul, a participação do grupo “serve como uma oportunidade significativa para expandir a comunicação com as gerações futuras em todo o mundo e atrair a sua simpatia nas principais questões internacionais”.

No gráfico abaixo, podemos notar como os efeitos do investimento sul-coreano na cultura obtiveram êxito ao longo prazo:

**Figura 1: gráfico do turismo brasileiro na Coreia do Sul em milhares**



Fonte: Ministério da Cultura e Turismo da Coreia do Sul<sup>4</sup>

Em suma, a utilização do cinema norte-americano com a disseminação do “American Way of Life”, a criação de centros de estudos europeus em outros países e a tendência Hallyu como políticas de soft power, demonstram como a cultura pode e deve ser utilizada de forma estratégica pelo Estado brasileiro como forma de aproximação e identificação com outros países. Além disso, os investimentos sul-coreanos na cultura e produções cinematográficas, demonstram o potencial mercado que o Brasil pode explorar como forma de expansão da sua diplomacia cultural em um futuro de médio-longo prazo. Como Gilley e O’Neil (2014) disseram, nesse novo contexto global, o uso de estratégias inovadoras e persuasivas na formação de uma nova governança global é de suma importância para os novos atores.

---

<sup>4</sup> Gráfico retirado da matéria: De BTS a “Parasita”, entenda como a Coreia do Sul aplica o “soft power”. *Jornal digital Poder 360*. 2021.

## **5 – A DIPLOMACIA CULTURAL E A INFLUÊNCIA NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA**

“Os fluxos de relacionamentos entre as sociedades sempre existiram, em diversos campos de interação como o econômico, político e cultural, e, com o tempo, tornaram-se mais complexos, dinâmicos e importantes” (BIJOS; ARRUDA, 2010, p. 34). Desta forma, com a disseminação cultural através da globalização, tornou-se comum a presença de empresas multinacionais como a Coca-Cola - estabelecendo-se em países orientais como o Japão ou vice-versa, com os americanos consumindo cada vez mais conteúdos de origem japonesa que variam desde mangás, animes, séries coreanas ou estilos musicais.

Para Held e McGrew (2001), a globalização representa “[...] mudança ou transformação na escala da organização social que liga comunidades distantes e amplia o alcance das relações de poder nas grandes regiões e continentes do mundo” (HELD; MCGREW, 2001, p. 13). No entanto, até que ponto a globalização e a diplomacia cultural molda a política externa do Brasil no sistema internacional?

Para Edgard Telles Ribeiro (1989), "a diplomacia cultural, por sua vez, seria a utilização específica da relação cultural para a consecução de objetivos nacionais de natureza não somente cultural, mas também política, comercial ou econômica" (RIBEIRO, 1989, p. 33).

A cultura aliada a política externa envolve aspectos mais determinados dentro do conjunto das relações internacionais. Ela enfoca a orientação governamental de determinado Estado a propósito de determinados governos e/ou estados ou, ainda, regiões, situações e estruturas, em conjunturas específicas. A interação, conflitiva ou cooperativa, das políticas externas deve ser considerada como parte de um sistema mundial, constituindo, então, em seu conjunto, a política internacional.

Durante a Segunda Guerra Mundial, enquanto a Inglaterra sofria bombardeios da Alemanha, o Brasil ofereceu duas formas de solidariedade ao Reino Unido: o a militar e a cultural. “Por solidariedade ao Reino Unido, o governo brasileiro enviou 25 mil soldados para lutar ao lado dos Aliados na Itália. Ao mesmo tempo, 70 artistas modernistas mandaram, de navio, 168 quadros de presente para a Inglaterra” (YONEZAWA, 2018). O objetivo era que a renda obtida através da venda dos quadros, ajudasse financeiramente a Força Aérea Britânica. Neste sentido, é possível correlacionar como a cultura participa das relações diplomáticas entre os Estados mesmo que de uma forma indireta.

Ademais, nota-se como a promoção da cultura brasileira no exterior obteve sucesso durante o século XX, conforme afirma Dumont e Flechét:

Pelo que é nosso! Se esse lema, empregado pela imprensa carioca para saudar o sucesso dos artistas brasileiros na Europa após a Primeira Guerra Mundial, parecia cada vez mais atual após 1945, ainda era necessário estabelecer os conteúdos, objetivos e meios da diplomacia cultural brasileira em um contexto marcado pela Guerra Fria, a descolonização e a globalização dos intercâmbios econômicos e culturais (DUMONT; FLÉCHET, 2014, p. 212).

Do lado esportivo, como mencionado anteriormente no texto, o Estado brasileiro sempre foi um exemplo a ser seguido na área. Em virtude da política externa brasileira do governo Lula, o Brasil foi escolhido como a sede dos Jogos Olímpicos de 2016, conforme De Resende:

A política externa do Presidente Lula trouxe muitas novidades à PEB, e a principal dela talvez tenha sido a busca incessante por posicionar o Brasil na linha de frente das principais questões internacionais. A candidatura para sediar as Olimpíadas de 2016 pode ser entendida como exemplo de caso dessa nova postura de não participar do jogo político internacional apenas para jogar, mas para vencê-lo. Os historiadores que vierem a se debruçar sobre a política externa do Presidente Lula não devem se furtar de analisar a 97 diplomacia da bola, interessante aspecto da inserção internacional do Brasil no período 2003-2010 (DE RESENDE, 2010, p. 41).

O Brasil ser a sede das Olimpíadas é mais um indicativo de como o Estado brasileiro é enxergado como uma liderança na América do Sul e como um dos países mais expressivos do Sul Global. “Na era da globalização, os megaeventos esportivos passaram a ser considerados meios estratégicos para modernizar a infraestrutura urbana e posicionar uma cidade ou região como centro nodal dos fluxos econômicos internacionais” (HALL, 2006, p. 64).

Aliado a esse fato, a integração regional brasileira no Mercosul através de elementos culturais é de extrema importância uma vez que a organização fortalece a economia sul-americana. Segundo Edgard Ribeiro (1989), “as atividades culturais promovidas por determinado país em outro também repercutem positivamente no plano comercial, favorecendo, sempre a título de pano de fundo, o fortalecimento de um clima de confiança nas qualificações desse país” (RIBEIRO, 1989, p. 39).

Embora seja difícil comprovar a existência de uma relação direta entre eventos culturais e operações comerciais bem sucedidas, a difusão cultural indiscutivelmente permite reforçar junto ao consumidor uma sensação de familiaridade, graças aos produtos - e não somente produtos: bens e serviços. alternativas turísticas - circulam com mais facilidade (RIBEIRO, 1989, p. 40).

Por fim, a partir do governo Lula, o Brasil adotou a imagem de um país pacífico que utiliza a diplomacia cultural também por meio do diálogo, passando a imagem de um país compreensivo que busca ser um intermediador de conflitos. Sua postura diplomática e sua abordagem multilateral têm contribuído para a resolução pacífica de disputas.

No âmbito regional, o Brasil tem sido um mediador ativo em conflitos na América Latina, buscando soluções negociadas para controvérsias territoriais, disputas comerciais e questões políticas. Um exemplo notável foi o papel do Brasil na mediação de conflitos na América do Sul, como a crise entre Colômbia e Equador em 2008. O então presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva desempenhou um papel crucial ao promover o diálogo entre as partes envolvidas, o que resultou na restauração das relações diplomáticas e na redução das tensões na região.

Em síntese, o Brasil tem desempenhado um papel importante como mediador em questões globais, muitas vezes atuando como um representante dos interesses dos países em desenvolvimento. Sua participação em fóruns internacionais, como as negociações da Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC) e as discussões sobre mudanças climáticas, exemplifica seu comprometimento em encontrar soluções equitativas para desafios globais.

## **6 – CONCLUSÃO**

Em conclusão, a diplomacia cultural desempenha um papel importante na moldagem da política externa do Brasil, mas que, ainda, não teve seu potencial máximo explorado. Proporcionando uma abordagem única e eficaz para promover os interesses nacionais no cenário internacional ao reconhecer a importância das trocas culturais, da valorização da diversidade e do diálogo intercultural, o Brasil estabelece conexões mais profundas com outros países, transcendendo barreiras políticas e econômicas.

A promoção da cultura brasileira no exterior não apenas fortalece a imagem internacional do país, mas também contribui para a construção de parcerias sólidas e duradouras. Através da música, arte, esportes e outras expressões culturais, o Brasil constrói pontes de compreensão e cooperação, gerando um terreno propício para a resolução de conflitos e a colaboração em questões globais. Ao enfatizar a riqueza da diversidade brasileira, a diplomacia cultural desempenha um papel essencial na quebra de estereótipos e na promoção

de uma visão mais aberta e inclusiva do país, atraindo a atenção positiva da comunidade internacional, mas também contribuindo para a construção de uma reputação sólida.

Assim, a integração da diplomacia cultural na política externa do Brasil não apenas amplia as opções disponíveis para a consecução de objetivos estratégicos, mas também reflete uma abordagem inovadora e inclusiva na construção de relações internacionais. Ao reconhecer o poder transformador da cultura, o Estado brasileiro destaca-se como um país global comprometido não apenas com seus interesses nacionais, mas também com a construção de um mundo mais interconectado e harmonioso. A diplomacia cultural cria pontes de compreensão entre o Brasil e outros países através de eventos culturais, intercâmbios artísticos e programas educacionais fortalecendo os laços diplomáticos e comerciais.

No decorrer do artigo, foi possível visualizar exemplos de nações como, os Estados Unidos da América e a Coreia do Sul que podem servir de inspirações para o governo brasileiro já que se utilizam muito bem da propagação de suas culturas e da política do Soft Power. A partir do estabelecimento de sua imagem no exterior através da diplomacia cultural, o Brasil tem consolidado o seu posicionamento estratégico através de diferentes abordagens para fortalecer seus objetivos, como sua candidatura ao assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. No entanto, apesar da notória evolução da diplomacia cultural como ferramenta de política externa brasileira, principalmente a partir do governo Lula (2003 – 2010), o Brasil ainda precisa explorar novos meios de disseminar sua cultura ao redor do mundo.

Em suma, a diplomacia cultural desempenha um papel estratégico na política externa brasileira, contribuindo para a construção de uma presença internacional positiva, o fortalecimento de relações bilaterais e a projeção dos seus objetivos domésticos e internacionais. Sendo assim, a cultura apresenta-se como uma nova forma de política nas relações internacionais, transcendendo o clássico Hard Power. Para o Brasil, a diplomacia cultural vem abrindo horizontes e oportunidades em sua política externa, demonstrando seu enorme potencial que, com o devido investimento, planejamento e uso, torna-se uma ferramenta de extrema importância para a consolidação das suas metas no sistema internacional.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. “Nós e Ellos, Nosotros y Eles – Brasil X Argentina: Os inimigos fraternos”. In: DA SILVA, Francisco Carlos Teixeira. SANTOS, Ricardo Pinto dos. (Orgs). Memória social dos Esportes. Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro, Mauad, 2006, p.55-80.

BIJOS, L; ARRUDA, V. **A diplomacia cultural como instrumento de política externa brasileira**. Brasília, Revista Diálogos, 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Igork/Downloads/2912-Texto%20do%20artigo-9884-1-10-20111219%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Igork/Downloads/2912-Texto%20do%20artigo-9884-1-10-20111219%20(1).pdf) Acesso em: 27 de setembro de 2023

BRAND FINANCE. Global Soft Power Index 2023. Disponível em: <https://static.brandirectory.com/reports/brand-finance-soft-power-index-2023-digital.pdf> Acesso em: 29 de novembro de 2023

CUMMINGS, Milton C. Jr. **Cultural Diplomacy and the United States Governments: A Survey**. Washington DC: Center for Art and Culture, 2003. Disponível em: <https://www.americansforthearts.org/by-program/reports-and-data/legislation-policy/naappd/cultural-diplomacy-and-the-united-states-government-a-survey> Acesso em: 24 de novembro de 2023.

DE RESENDE, Carlos Augusto Rollemberg. **O Esporte na Política Externa do Governo Lula: o importante é competir?** Meridiano 47, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/MED/article/view/4233/3876> Acesso em: 4 de setembro de 2023

DOWLE, M. **Nossa história no Brasil**. British Council Brasil. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sobre/nossa-historia>. Acesso em: 05 de novembro de 2023.

DUMONT, J; FLÉCHET, A. **PELO O QUE É NOSSO**. Revista Brasileira de História, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/M3Jh59hNnHsLfFZD3hxqskH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 14 de novembro de 2023

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, **542. 6/995. 16141, Informação: From Ribeiro Couto to the General Secretary of the Ministry of Foreign Relations**, 1 Mar. 1934. Arquivo Ribeiro Couto.

GIENOW-HECHT, Jessica C.E.; DONFRIED, Mark C. **The Model of Cultural Diplomacy: Power, Distance, and the Promise of Civil Society**. In: GIENOW-HECHT, Jessica C.E.; DONFRIED, Mark C. (eds.), Searching for a cultural diplomacy. Nova York: Berhahn Books, p. 13-30, 2010.

GILLEY, B.; O'NEIL, A. **Middle Powers and the Rise of China**. Washington, DC: Georgetown University Press, 2014.

HALL, C. M. **Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism.** In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (eds.). Sports mega-events: social scientific analyses of a global phenomenon. The Sociological Review (Monograph Series), v. 54, n. 2, special issue, p. 59-70, Dec. 2006. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/j.1467-954X.2006.00653.x>> Acesso em: 12 de agosto de 2023

HELD, D.; MCGREW, A. 2001. **Prós e contras da globalização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

HOBBSAWM, Eric. **O apogeu do nacionalismo: 1918-1950.** In: Nações e Nacionalismos. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2004. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/hobsbawmeric-nac3a7c3b5es-e-nacionalismo-desde-1780.pdf>> Acesso em: 17 de setembro de 2023

LAFER, C. **A identidade internacional do Brasil e a política externa brasileira: passado, presente e futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2001.

MARQUES, Maria do Céu. **Hollywood e a Globalização.** In: AVELAR, Mário (coord.) Viagens pela Palavra. Lisboa: Universidade Aberta, 2005. p. 195-203.

NÚÑEZ, Lucio. **Sociologia del Poder.** México: Instituto de Investigaciones Sociales, 1969. Disponível em: <[https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1758662/Lucio\\_Mendieta\\_Y\\_Nunez.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1758662/Lucio_Mendieta_Y_Nunez.pdf)> Acesso em: 12 de outubro de 2023

NYE, Joseph S. **Soft Power.** Foreign Policy, no. 80, 1990, pp. 71-153.

POSSA, J. **De BTS a “Parasita”, entenda como a Coreia do Sul aplica o “soft power”.** Jornal Poder 360, Brasília, 28 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional/de-bts-a-parasita-entenda-como-a-coreia-do-sul-aplica-o-soft-power/>>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

RIBEIRO, Edgard. **Diplomacia Cultural: Seu Papel na Política Externa Brasileira,** 1989. Disponível em: <[https://funag.gov.br/loja/download/824-Diplomacia\\_Cultural\\_-\\_Seu\\_papel\\_na\\_Politica\\_Externa\\_Brasileira\\_2011.pdf](https://funag.gov.br/loja/download/824-Diplomacia_Cultural_-_Seu_papel_na_Politica_Externa_Brasileira_2011.pdf)> Acesso em: de novembro de 2023

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol. Perspectiva,** 1993.

SANTOS, J. L. **O que é cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2017. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5767487/mod\\_resource/content/1/O%20que%20%C3%A9%20Cultura%20-%20-%20Jose%20Luiz%20dos%20Santos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5767487/mod_resource/content/1/O%20que%20%C3%A9%20Cultura%20-%20-%20Jose%20Luiz%20dos%20Santos.pdf)> Acesso em: 14 de outubro de 2023

YEON-SOO, K. Korea to nurture Hallyu-linked sectors as growth engine in 2020. The Korea Times, 03 de junho de 2020. Disponível em: <[https://www.koreatimes.co.kr/www/art/2020/03/398\\_285710.html](https://www.koreatimes.co.kr/www/art/2020/03/398_285710.html)>. Acesso em 15 de novembro de 2023.

YONEZAWA, J. **Como artistas brasileiros apoiaram Londres contra o nazismo**. Deutsche Welle, 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/como-artistas-brasileiros-apoiaram-londres-contra-o-nazismo/a-42913043>>. Acesso em: 14 de novembro de 2023.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics. Cambridge Studies in International Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Disponível em: <https://www.guillaumenicaise.com/wp-content/uploads/2013/10/Wendt-Social-Theory-of-International-Politics.pdf> Acesso em: 25 de novembro de 2023